

R. Magalhães Júnior
Acervo ABL



R. Magalhães Júnior: um operário da inteligência

MURILO MELO FILHO

Ocupante da
Cadeira 20
na Academia
Brasileira de
Letras.

Conterrâneo dos acadêmicos cearenses – José de Alencar, Clóvis Beviláqua, Araripe Júnior, Franklin Távora, Heráclito Graça, Gustavo Barroso e Rachel de Queiroz –, Raimundo Magalhães Júnior também nasceu no Ceará, no município de Ubajara, dia 12 de fevereiro de 1907, há mais de cem anos, portanto.

Aos 17 anos de idade, em 1924, o pequeno e modesto cearense, que desde os primeiros anos da infância já revelava sua vocação literária, veio para Campos, aqui no estado do Rio, e aí começou a sua carreira jornalística, trabalhando como repórter na *Folha do Comércio*, local.

~ Um personagem no êxodo

Ele era, então, mais um personagem no extenso fabulário e no êxodo da sua geração de jovens nordestinos nômades, que emigra-

vam de suas terras secas, lá no Ceará e no Nordeste, para vir batalhar por um lugar ao sol, nesta selva das grandes cidades, aqui no sul do País.

Como um ousado viandante, trazia na sola dos sapatos aquilo que Manuel Bandeira chamou de “a poeira das extensas estradas percorridas”.

Durante essa jornada, não raro em areias movediças, ele muito havia andado, muito vagado e muito peregrinado.

Logo depois, aos 20 anos, escreveu seus primeiros contos e sua primeira peça teatral, “Espírito Encrencado”. Quase uma autopeça.

Veio de Campos para o Rio em 1930, na alvorada da Revolução Tenentista, e trabalhou seguidamente nos jornais *A Esquerda*, *A Batalha*, *Diário de Notícias* (do qual foi um dos fundadores), *A Noite*, e em revistas como *Vida Doméstica*, *Noite Ilustrada*, *Carioca*, *Vamos Ler* e *Revista da Semana*, das quais foi diretor.

Em 1933, casou-se com Lúcia Benedetti, que viria a consagrar-se como uma admirável autora de livros infantis.

Desse casamento, resultou a filha Rosa, uma vitoriosa carnavalesca de vários desfiles das Escolas de Samba, uma eficiente diretora do programa “Globo News” e uma competente produtora do *show*, no Maracanã, de abertura dos recentes Jogos Pan-Americanos.

O jornal *A Noite* enviou Magalhães ao Paraguai, para cobrir a Guerra do Chaco, com reportagens publicadas nos jornais de Assunção e La Paz.

~ Morando nos Estados Unidos

Ele morou três anos nos Estados Unidos, de 1942 a 1945, trabalhando com Nelson Rockefeller, no Escritório de Assuntos Interamericanos, e escrevendo para o *New York Times*.

Fez entrevistas com vários exilados importantes, que estavam em Nova York, fugidos do terror nazista, como Jacques Maritain, André Maurois, Geneviève Tabouis, Fernand Leger, Emil Ludwig e Erich Maria Remarque.

De volta ao Brasil, assinou com João Mangabeira, Hermes Lima e Domingos Velasco um Manifesto de Criação da Esquerda Democrática, depois transformada em Partido Socialista Brasileiro, do qual foi um combativo e corajoso vereador na Câmara Municipal do Distrito Federal de então, elegendo-se em 1950 e reelegendo-se quatro anos depois.

No dia 9 de agosto de 1956, aos 49 anos de idade, elegeu-se para a Cadeira 34 desta Academia, tendo como Patrono, Souza Caldas; como Fundador, Pereira da Silva; como antecessores, o Barão do Rio Branco, Lauro Müller e D. Aquino Correia, e, como sucessores, os jornalistas Carlos Castello Branco e João Ubaldo Ribeiro, seu atual ocupante.

Aqui permaneceu durante 25 anos, até o dia 12 de dezembro de 1981, quando veio a falecer.

~ As mulheres na ABL

Nesta Academia, foi também um dos maiores batalhadores pela reforma dos nossos Estatutos para permitir a eleição de mulheres. E justificava:

– Existem escritoras brasileiras, como Rachel e Dinah Silveira de Queiroz, que mereciam estar na Academia muito mais do que vários imortais, inclusive, e sobretudo, eu.

Quando, finalmente, conseguiu candidatar-se e eger-se, Dinah escolheu Magalhães para saudá-la.

Elegeu-se e reelegeu-se várias vezes para a presidência da SBAT (Sociedade Brasileira de Autores Teatrais) e foi um dos grandes lutadores em favor dos direitos autorais.

Como já disse, Magalhães morreu em 1981, vítima de um atropelamento, no sinal da Rua Silveira Martins com a Praia do Flamengo, justamente quando saltava de um ônibus e cruzava o asfalto para chegar ao seu trabalho, logo ali em frente, na revista *Manchete*, onde se sentava a poucos metros da minha mesa e em cuja redação tive a honra e a felicidade de ser seu companheiro de profis-

são, ao lado de outros grandes acadêmicos, como Otto Lara Resende, Antonio Houiass e Josué Montello, já falecidos, e os atuais acadêmicos Lêdo Ivo, Arnaldo Niskier, Carlos Heitor Cony, Cícero Sandroni e Afonso Arinos, filho, todos vivos e aqui presentes, graças a Deus.

~ Um jornalista incansável

Pudemos nós, da *Manchete*, admirar então as suas enormes qualidades de homem, de cidadão e de incansável jornalista, usando apenas o dedo indicador na máquina datilográfica, cujo teclado espancava e martelava numa febril velocidade e num fôlego realmente estarrecedor, ao encher “tiras” e “tiras” de papel, como ele próprio chamava as laudas do seu texto.

Tinha um apetite de escritor e pesquisador, simplesmente insaciável, que não conhecia limites.

Aí também pudemos admirá-lo como um brasileiro honesto e honrado em suas posições políticas e convicções ideológicas, um fanático na disciplina e na pontualidade de entregar, nos prazos certos, os seus projetos literários, de livros, peças teatrais e traduções, um exemplo de correção e de lisura em suas atitudes de intelectual digno e capaz, um companheiro leal e correto, generoso e atencioso, e que por algum tempo esteve entre aqueles poucos boêmios com os quais qualquer colega gostaria de fazer uma grande farra.

~ Ranzinza, mas encantador

Com apenas um metro e 60 de estatura, era baixo, atarracado, algo vesgo e estrábico, características que não o aproximavam muito de um elegante Apolo. Mas era, ao mesmo tempo, um homem encantador, de prosa culta e erudita, ajudado por uma memória prodigiosa.

Por vezes, poderia até parecer ranzinza e contestador (como no seu livro contra Rui), e também reclamante (como nos dois episódios que passo a narrar).

Magalhães estava sempre insatisfeito com o seu salário e reivindicando um reajuste. Certa vez, em plena redação, colou na testa, durante vários dias, uma página de papel, com letras garrafais: QUERO AUMENTO!!!

Noutra ocasião, reclamou contra o excessivo calor na redação, provocado por uma decisão do Sr. Adolpho Bloch, que, inadvertidamente, e por medida de economia, mandara desligar a refrigeração.

Magalhães tirou a camisa e desnudou-se, revelando seu busto assaz feio e ameaçando tirar o resto da roupa, sendo felizmente impedido pelo Sr. Adolpho Bloch, que mandou religar o ar-condicionado.

Na companhia de Arnaldo Niskier, Joel Silveira e Magalhães Júnior, em 1967, há 40 anos, escrevi o livro *Cinco Dias de Junho*, sobre a guerra entre israelenses e árabes no Oriente Médio, com prefácio do Senador Mário Martins, pai da nossa Acadêmica Ana Maria Machado.

Reunimos capítulos sobre Moshé Dayan, Nasser, Ben Gurion, Golda Meir, Itzak Rabin, Sharon, Shimon Peres, as Batalhas de Jerusalém, das colinas de Golã, do Mar Morto e publicamos esse livro em duas semanas, justamente para aproveitar o clima de euforia com a vitória de Israel, naquela guerra de cem horas.

~ Numa entrevista, uma figura humana

Certo dia, explorei uma folguinha na sua faina diária e fiz a Raimundo algumas perguntas para uma entrevista que publicamos na semana dos seus 70 anos. E ele me respondeu, revelando-se uma extraordinária figura humana:

– Vivo do meu salário de jornalista e dos parcos direitos autorais que recebo dos meus livros.

– Já publiquei mais de 40 títulos e não pretendo parar. Tenho apenas um vício: o do trabalho. Quando era jovem, tinha uma vida de agitação boêmia. Hoje, as boates já não me são mais bem-vindas.

– E como são os seus dias?

– Meus dias não têm 24, mas sim 36 horas, que estico no seu começo e no seu fim, isto é, durmo tarde e acordo cedo, porque quatro a cinco horas de sono já me bastam. Sou veloz na máquina de escrever, na ânsia de me ver livre dela o mais rapidamente possível e, no tempo restante, dedicar-me às minhas pesquisas na Biblioteca Nacional, na Casa de Rui Barbosa e no Museu Imperial de Petrópolis, onde aluguei uma casa vizinha, justamente para ficar mais perto dele.

– Quais são os seus autores prediletos?

– Já li e reli Montaigne, Rabelais, Stendhal, Balzac, Dickens, Eça e Machado. Só releio os autores que realmente me dão prazer. Quando André Maurois, há 40 anos, publicou suas biografias sobre Shelley, Victor Hugo e Disraeli, eu me apaixonei por elas e nunca mais do seu gênero me separei.

Pedi-lhe ainda um conselho para os jovens escritores e ele me disse:

– Olha aqui, Murilo. Eu os aconselharia a não aceitarem conselhos. Vivam a vida e escrevam à sua maneira. Como afirmou George Orwell, ser escritor é um dom tão natural quanto o das vacas, que transformam capim em leite.

– Digo-lhes também: “Leiam o melhor e também o pior, para poderem comparar. Não tenham medo de pensar ou de escrever coisas novas. Mas nunca tentem ser novos por imitação. Nada é mais triste na vida do que tentar imitar Euclides da Cunha ou Marcel Proust.”

~ Os livros de sua preferência

Atendendo a um pedido meu, relacionou os livros de que mais gostara, até então editados no Brasil, entre os quais, na sua opinião:

– *Casa Grande & Senzala*, de Gilberto Freyre; *Os Sertões*, de Euclides; *Um Estadista do Império*, de Nabuco; *Um Estadista da República*, de Afonso Arinos; *Estrela da Vida Inteira*, de Bandeira; *Invenção de Orfeu*, de Jorge de Lima; *Dom Casmurro*, de Machado; *O Ateneu*, de Raul Pompéia; *Fogo Morto*, de José Lins; *A Bagaceira*, de

José Américo; *São Bernardo*, de Graciliano; *Jubiabá*, de Jorge; *O Quinze*, de Rachel; *Urupês*, de Lobato; e *Sagarana*, de Rosa.

Magalhães foi um integrante múltiplo e poliédrico de um grupo de escritores brasileiros que muito escreveram – como Machado, Coelho Neto, Alceu Amoroso Lima, Barbosa Lima Sobrinho, Josué Montello e Austregésilo de Athayde –, figurando entre eles com originalidade e sucesso.

~ Teatrólogo e ensaísta

Esta sua vocação originava-se do seu pai, jornalista autor de um “Vocabulário popular”, um pai do qual herdou não apenas o nome, mas também uma incoercível fidelidade intelectual, nos mais variados gêneros literários, ao longo de 50 anos, durante os quais produziu uma vasta obra literária, como cronista, contista, biógrafo, teatrólogo, historiador, crítico, ensaísta, tradutor, poeta, dramaturgo e produtor de revistas musicais.

Escreveu numerosas peças de teatro, várias traduzidas para o espanhol, o polonês, o inglês, o francês, o alemão, o italiano e o húngaro.

Foi um amigo íntimo dos grandes atores brasileiros, que disputavam as suas peças para encená-las, como acontecia com Jaime Costa, Procópio Ferreira, Graça Melo, Silveira Sampaio, Sérgio Cardoso, Rodolfo Mayer, Jardel Filho e Paulo Autran, assim também com as atrizes Dulcina, Alda Garrido, Bibi Ferreira, Henriette Morineau, Maria Della Costa, Cacilda Becker, Cleyde Yaconis e Tônia Carrero.

Magalhães escreveu ainda vários livros de História: *O Capitão dos Andes*; *Dom Pedro II e a Condessa de Barral*; e *Deodoro – A Espada contra o Império*.

Escreveu também vários livros de ensaios, entre os quais quatro sobre o nosso primeiro presidente: *Ao Redor de Machado de Assis*, *Ideias e Imagens*, *O Desconhecido* e *O Funcionário Público*.

Foi um incansável e apaixonado machadiano.

Foi também um grande biógrafo, escrevendo as biografias de Artur e Álvares de Azevedo, Casimiro de Abreu, Olavo Bilac, Fagundes Varela, Augusto dos Anjos, Cruz e Souza, José do Patrocínio, João do Rio e Leopoldo Fróes.

Um dos seus livros que tiveram mais repercussão nesta Casa e fora dela foi o seu *Rui, o Homem e o Mito*, com violentos revides dos acadêmicos Luís Viana Filho e Osvaldo Orico com o seu *Rui, o Mito e o Mico*.

~ Um tradutor folclorista

Magalhães traduziu quase uma centena de livros e peças estrangeiras, como “A Milionária”, de Bernard Shaw, e “Gato Preto em Teto de Zinco Quente,” de Tennessee Williams.

Aliás, sobre esta última peça, para confirmar as ansiosas sede e gana de Magalhães em traduzir livros, conta-se a seguinte e folclórica história:

Certa tarde, Tennessee Williams estava no *Café de Flore*, em Paris, reunido com vários jornalistas e lhes comunicou:

– Vou dar-lhes um furo. Estou escrevendo minha nova peça.

– E qual é o título da nova peça?

– O nome propriamente dito eu ainda não tenho. Só tenho uma certeza: antes mesmo de ela ser escrita, já está sendo traduzida lá no Brasil por um tradutor brasileiro, chamado Magalhães Júnior.

O sarcástico e mordaz jornalista Paulo Francis gostava de chamá-lo pelo nome inteiro e pela sua assinatura preferida, de Erre Magalhães Júnior. E o saudava:

– Erre Magalhães. Erre. Você tem todo o direito de errar. No nome e na vida.

Sua *Antologia Brasileira de Humorismo e Sátira* teve um sucesso tão grande que, certa manhã, em plena Avenida Rio Branco, se encontrou com um leitor entusiasmado a lhe confessar o seguinte:

– Ofereci um exemplar de sua Antologia a uma moça e comecei a namorar com ela. Hoje estamos casados há mais de 20 anos, com vários filhos. Devo-lhe a minha felicidade.

Magalhães respondeu-lhe:

– Eu pensava que minha Antologia ia servir para estudantes e professores. Agora, vejo que ela é também casamenteira.

~ Sátira numa antologia

Nessa Antologia, Magalhães reproduz algumas estrofes satíricas e rimadas de Gregório de Matos (o popular “Boca do Inferno”), escritas no século XVII e ainda bem atuais e adequadas à ambiência brasileira dos dias de hoje:

- Que falta nesta Cidade? Verdade.
- Que falta mais que lhe ponha? Vergonha.
- E que Justiça a resguarda? Bastarda.
- Que tem o que a todos assusta? Injusta.
- E a vergonha já se acabou? Baixou.
- E já se extinguiu? Sumiu.
- Logo, já convalesceu? Morreu.

~ Uma curta inscrição

Concluo dizendo que o Acadêmico Raimundo Magalhães Júnior foi um trabalhador braçal da nossa Cultura, um operário-padrão da nossa Inteligência, um produtor de vasta bagagem intelectual e um inimitável polígrafo, em cuja sepultura, parafraseando Afrânio Peixoto e Pirandello (segundo o qual “*La via si vivi e si scrivi*”), poderia ter sido gravada uma curta inscrição:

“Leu e escreveu. Nada mais lhe aconteceu”.